

GRANDE VITÓRIA

# Número de analfabetos funcionais é alto no ES

Em todo o Estado, 26,4% da população não concluiu a 4ª série, segundo IBGE

MÔNICA LUZ

Ione e Evanir fazem questão de dar aos filhos as oportunidades que lhes faltaram. Irmãs, donas-de-casa e convictas de que a educação é o caminho mais curto para uma vida melhor, elas se orgulham de ter os filhos matriculados na escola. Ione, que só cursou até a 2ª série do ensino fundamental, e Evanir, que concluiu a 4ª, não querem que os filhos façam parte da estatística nacional, engrossando o percentual de analfabetos.

Em todo o país o número de analfabetos vem caindo. Em 1992, entre homens e mulheres acima de 15 anos o índice estava em 17,2% e chegou a 13,3% em 1999. No Estado, em 1992, esse número era de 17,7% e em 1999, baixou para 11,1%.

## Ainda alto

Apesar dessa queda, conforme os relatórios de população, divulgados ontem em conjunto com Fundo de População das Nações Unidas e o Instituto Nacional de Geografia e Estatística (IBGE), ainda é muito alta a proporção dos denominados analfabetos funcionais (os que não concluíram a 4ª série primária), que no país equivalem a 29,4% da população. No Espi-



Edson Chagas

## Meta

Ione de Oliveira Pinto e as filhas Luana, Ludmila, Ludmara e Luciana: manter as filhas na escola é a palavra de ordem da casa

rito Santo, esse número acompanha a média nacional e está em 26,4%, mas já foi de 38,5% em 1992, conforme a Síntese dos Indicadores Sociais de 2000 (que teve como base a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - Pnad - de 1999).

As irmãs Ione e Evanir, que se enquadram na faixa dos chamados analfabetos funcionais, sabem bem do que se trata a nova definição. Sem maior grau de instrução não podem, por exemplo, operar um computador, instrumento utilizado pela maioria das empresas. E assim acabam fora do mercado de trabalho. "Quero voltar a estudar, depois que a Karyne,

com três anos, crescer um pouco mais", diz Evanir Lopes de Oliveira, que tem 23 anos.

Ela parou de estudar quando ficou grávida da primeira filha. No caso de Ione de Oliveira Pinto, 32 anos, a dificuldade em estudar foi porque durante o período em que estava em idade escolar, a família mudava de endereço repetidamente, impedindo a possibilidade de permanência em uma só escola.

Conforme o chefe do Departamento de População e Indicadores Sociais do IBGE, Luis Antônio Pinto de Oliveira, a definição de analfabetismo ficou mais rígida porque as pessoas que não concluíram a 4ª série têm maior dificuldade em acompanhar o avanço da tecnologia. "Na Região Sudeste esse percentual está em 21,8%. No Nordeste, é de 46,2%", observou.

## Taxa de fecundidade é menor no Sudeste

A taxa de fecundidade está caindo progressivamente no país, conforme o relatório divulgado ontem pelo Fundo de População das Nações Unidas e pelo Instituto Nacional de Geografia e Estatística (IBGE). A queda acompanha uma tendência mundial e baixou de 2,7 filhos por mulher em 1992, para 2,2 filhos no ano passado. Na Região Sudeste, a taxa de fecundidade ficou abaixo da média nacional, como 2,1 filhos por mulher.

"A taxa brasileira começa a se aproximar da Europa Ocidental e de países do antigo bloco socialista", observou Luiz Antônio Pinto de Oliveira, chefe do Departamento de População e Indicadores sociais do IBGE. Segundo ele, o Rio de Janeiro é

o primeiro Estado brasileiro a ter índice semelhante a esses países, com uma média de 1,9 filho por cada mulher.

A redução da fecundidade leva ao aumento do número de velhos, conforme o estudo do Fnuap, e está ocorrendo em 50 países, responsáveis por 45% da população mundial.

A expectativa é a de que em 2005 a média nacional seja de 2,15 filhos por mulher.

Segundo a Fnuap, a população brasileira deve chegar a 247,2 milhões em 2050. O órgão calcula que em 2001 o país fechará com 172,6 milhões de habitantes. A previsão para 2050, com relação a população mundial, é a de que existam 9,3 bilhões de habitantes, conta os atuais 6,1 bilhões.